


A perspectiva do patrimônio no samba como pensamento político e educação para formação de identidade e ocupação dos espaços

Cleivison Jesus de Carvalho¹

 0000-0002-5365-6738

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 16, 2022. **Atas do XVI Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 16, 2022.

DOI: 10.20396/eha.16.2022.4966

Resumo

A pesquisa tem como foco central o samba, na perspectiva do patrimônio cultural e da produção de redes educativas, tomando como referência sua inscrição no Livro de Registro do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional/IPHAN, em 2007, solicitado pelo Centro Cultural Cartola. Acerca do objeto de pesquisa, são abordados e estudados os conceitos de identidades, ancestralidade, territorialidade, patrimônio e educação emancipatória. Esses conceitos dialogam, intimamente, com o samba e seus sujeitos. Devido à sua imaterialidade, o samba apresenta uma dinâmica de ocupação, resistência e estratégia política, tanto de sobrevivência às ausências de políticas públicas, quanto de reinvenção dos cenários cotidianos. Neste sentido, a Lei 10.639/03 que deve garantir a práxis da cultura afro-brasileira nas escolas, apresenta dificuldades na sua funcionalidade. Logo, se a escola não consegue ser o principal espaço de debate como se dá a construção destas identidades? Buscamos investigar o processo epistemológico, de formação identitária e tessitura de saberes/conhecimentos a partir das trocas fomentadas pela festa do samba.

Palavras-chave: Samba. Rio de Janeiro. Patrimônio. Educação. Identidade.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA).

O patrimônio imaterial é o bem cultural ao qual são atribuídos valores por determinados grupos, sendo estes bens formas de expressão popular e modo de fazer, classificados como saberes tradicionais. A imaterialidade de um patrimônio está associada ao caráter antropológico do mesmo, ou seja, a forma como é concebido, construído, recepcionado, administrado, protegido, divulgado e especialmente valorado em seus significados dados pelos atores sociais envolvidos.

No cerne da pesquisa, acerca do objeto de estudo, tomamos como caminhos a compreensão das narrativas dos sujeitos e seus lugares, a fim de tecer uma escrita que alinhe a importância do contexto local na formação do pensamento crítico. Sobre o estudo dos lugares como parte da pesquisa, consideramos que:

Os lugares de memórias são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz parecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade de uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação².

A discussão da identidade através do patrimônio, principalmente o imaterial por sua dinâmica, permeia um cenário delicado quando nos referimos à patrimonialização dos bens, pois alguns destes apresentam-se na vitrine do turismo utilizando a salvaguarda como elo para visibilidade e representação cultural. O campo do folclore é dotado de peculiaridades e conflitos socioculturais, a começar por estar inserido no conceito “popular”. Por meio do conceito de folclore, “saber do povo”, demarcou-se a fronteira das manifestações culturais das camadas sociais abastadas em relação àquelas mais amplamente difundidas³. Se observarmos a distribuição geográfica destas, notamos que estão relacionadas a um público de classes, economicamente baixa. Dessa forma podemos entender que se focarmos no espaço geográfico como resultado de uma conjugação de sistemas de objetos, nesse caso, sistemas de ações, podemos transitar do “passado ao futuro, mediante a consideração do presente”⁴. Este fato cria uma dinâmica que ao longo do tempo implica e modifica o formato das festas e rodas, pois a situação dos foliões e o meio de subsistência moldam suas disponibilidades para tal execução. A partir desta perspectiva, Thompson afirma que “este é um tema que tem sido estudado pelos folcloristas que limitam suas análises à uma perspectiva de sobrevivência”⁵, o que ofusca a possibilidade de trabalhar as rodas de

² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC, Dez, 1993, p.12.

³ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p.63.

⁴ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 81.

⁵ THOMPSON, Edward P. “Folclore, antropologia e história social”. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 238

samba sob um aspecto de um contexto ritual inserido em um contexto social. A rotulação das rodas de samba como cultura popular e a relação social alcança outra discussão, que está ligada, também a outro conceito, o “bicultural”, conceito este que possibilita o que é popular não vire um produto e se torne inacessível devido à diferença de classes, como cita Burke que:

cunha o termo “*bicultural*” para descrever a situação de membros da elite que se enfronharam nas práticas culturais populares e que, ao mesmo tempo, participavam de uma cultura “alta”, ensinada “em escolas secundárias, universidades, cortes etc., às quais as pessoas comuns não tiveram acesso⁶

A contraposição dos espaços urbano e rural, central e periférico, tratando-se dos lugares, atravessa uma dinâmica a qual estabelece um equilíbrio no seu interior, fazendo com que a fronteira se torne fundamental nas trocas de sentidos, sendo, em última instância o sentido de fronteira, o próprio espaço imaterial responsável pela mediação cultural operador de uma seleção de informações a serem adaptadas no seu centro, como afirma Américo

Há uma diferença significativa entre o centro e a periferia da semiosfera, próxima a sua fronteira: o centro, o núcleo da semiosfera, é inativo, inerte, incapaz de evoluir; já a periferia, devido à troca constante de informações com o espaço extras semiótico, é extremamente dinâmica⁷.

O samba como difusor da festa, ocupa, na maioria das vezes, a rua. Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma⁸. João do Rio em ‘A alma encantadora das ruas’, trata nesta publicação das diferentes perspectivas e das formas de ocupação deste espaço plural. Para o autor, a rua mostra sua própria história a partir da composição física que diz respeito à quem a construiu:

A rua nasce, como homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as fronteiras, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço⁹.

⁶ BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.17

⁷ AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman/The concept of Border in Yuri Lotman's Semiotics. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (1): 5-20, Jan./Abril. 2017, p.10.

⁸ RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas** / João do Rio; organização Raul Antelo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 8.

⁹ Ibidem, p. 30

A mão de obra que planta a semente da cidade, regada à suor, retoma as ruas porquê nela está um campo de liberdade e produção de territórios. A Lei da vadiagem quis tirar das ruas o povo preto com seus elementos da festa do samba e da capoeira. A rua ali, não é só caminho, é meio e campo de um conceito tratado como território político. Stuart Hall afirma que “os efeitos sociais influenciam nas relações logo refletidas na identidade local”¹⁰. Tomando Hall como norteador do conceito de cultura, consideramos a cultura como uma dinâmica viva que recebe pressões tanto da globalização, como a chegada das rádios e a modificação de sambas de macumba, perdendo o protagonismo da percussão, quanto de fatores que estão dentro das sociedades, como a religião, ganhando uma nova caracterização ou significação dos valores culturais. Sobre a dinâmica da cultura, conceito este tratado por Laraia, apontamos aqui os limites dados a esta manifestação popular, também, pela organização social, referências e orientação religiosa. “Qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação”¹¹. Este processo de modificação dado por natureza à imaterialidade de bens culturais, se ajusta às novas gerações e visões passadas, supostamente, a partir da oralidade e vivências. Acreditamos que esta aproximação com os mais velhos, detentores de conhecimento técnico e ancestral, que é a alma do samba, acaba se tornando uma das primeiras estratégias de construção de novos saberes. Pensamos que esteja aí, a educação que revoluciona a forma de refletir e ensinar a partir do samba. Paulo Freire, patrono da educação brasileira, nos ensina a modificar a forma de pensar sobre o processo ensino e aprendizagem, trazendo as potências de um educador que se preocupa e que de forma cuidadosa exige uma troca, a curiosidade pela cultura do outro, a ética, pesquisa, reflexão e construção de pensamento crítico, aceitação e até mesmo rejeição. “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”¹².

O samba vem se apresentando como um elemento de resistência das comunidades periféricas e difusor das culturas e práticas reprimidas pela cultura hegemônica e elitista. Presente em bairros muito conhecidos por suas rodas, tem se apresentado como uma forma de confrontar e debater as inquietações de origens políticas e sociais que demonstram, quase sempre, uma abstração das questões que dizem respeito à periferia. As rodas de samba, bares, quadras de agremiações e Sambódromo, podem ser considerados os principais lugares em que encontramos o samba. No Rio de Janeiro, com a chegada e saída de negros vindos da Bahia e São Paulo, marcado pela busca de liberdade, trabalho e moradia,

¹⁰ HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 55

¹¹ LARAIA, Roque de Barros. 1932 - Um conceito antropológico/Roque de Barros Laraia. – 14 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.94.

¹² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 26.

consideramos o ir e vir como a própria escrita da história do negro na cidade, conhecendo a narrativa dos lugares, dialogando de forma crítica com as chegadas, seja no interior ou na capital, lidando com as dificuldades imposta por um Brasil pré-abolição. Com o fim do apogeu do café no Vale do Paraíba, Rio de Janeiro, os negros que lá trabalhavam como mão-de-obra viram-se obrigados a buscar trabalho.

De acordo com Lopes, muitos não vieram somente por terem se tornado mão de obra ociosa, o autor considera que alguns negros foram se juntar a outros que vieram do Recôncavo Baiano, “fugindo da repressão desencadeada após a grande insurreição dos negros mulçumanos (malês), ocorrida em Salvador, em 1835, ou simplesmente atraídos pelas luzes da capital”¹³:

Boa parte desses negros, a partir da segunda metade do século XIX, veio para o Rio em busca de trabalho, para juntar-se aos antigos africanos, crioulos e mestiços, livres e libertos, que já ocupavam as zonas central e portuária – alguns, mais afortunados, inclusive estabelecidos no comércio. Por essa época, então, começou a se estruturar, da Pedra do Sal, no morro da Conceição, até a Cidade Nova, em terra carioca, dando origem a ranchos carnavalescos e outras manifestações tradicionais, a comunidade baiana do Rio de Janeiro, hoje conhecida como Pequena África¹⁴.

A chegada de imigrantes, máquinas e capital, do exterior, torna-se mais um impulso para a ida destes grupos ao Rio de Janeiro. Aqueles que ficaram no campo, passara à mão-de-obra suplementar, reserva.

A baiana radicada no Rio de Janeiro, Tia Ciata (1854-1924) era querida pelos sambistas, os quais frequentavam a sua casa para uma das rodas mais desejadas à época. “Pagode era com ela mesma, ô véia danada de fogueteira! Era até compositora...”¹⁵ escrevera Silva & Filho, e descrevem como a casa de Ciata ficara:

Na cozinha abafada negras suavam em frente a panelões fumegantes. A famosa moqueca de peixe. Pela porta e janelas abertas via-se o quintal amplo, mangueira, jaboticabeira, limoeiro, abacateiro, moleques arrumando as bebidas no tanque¹⁶.

Nei Lopes complementa:

Os sambas na casa de Ciata eram importantíssimos porque, em geral, quando eles nasciam no alto do morro, na casa dela é que se popularizavam, lá é que eles sofriam

¹³ LOPES, Nei. *Sambeabá: O samba que não se aprende na escola*. Ilustrações de Cássio Loredano – Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Folha Seca, 2003, p.31

¹⁴ *Ibidem*, p.31.

¹⁵ SILVA, Marília; OLIVEIRA FILHO, Arthur. *Silas de Oliveira: do jongo ao samba-enredo*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981, p.17.

¹⁶ *Ibidem*, p.17

a crítica dos catedráticos, com a presença das sumidades do violão, do cavaquinho, do pandeiro, do reco-reco e do atabaque¹⁷.

Há quem afirme que a casa de Tia Ciata, na Praça Onze, “é tradicionalmente aceita como o local onde teria nascido ‘Pelo telefone’, tido como primeiro samba com autoria registrada e gravado em disco”¹⁸. Samba este que tem como co-autoria, de Donga, filho de Tia Amélia do Aragão, em parceria com Mauro de Almeida. Como já mencionado anteriormente, a vinda dos pretos e pretas do Recôncavo Baiano e do Vale do Paraíba, já nos dão indicações que o protagonismo na história do samba, ainda que tenha uma admirável participação, não se restringe à Tia Ciata, bem como a ideia de que surge aqui algo genuíno, natural e único do Rio de Janeiro. A questão da coletividade no samba se dá como uma estratégia de consolidação das tradições, adaptações e transformações. Esta coletividade que divide o protagonismo com Ciata, está na comunidade que acolhe, nos músicos e amigos, como os tios e tias baianas, que de acordo com Lopes & Simas é uma “expressão historicamente usada para mencionar as senhoras que vieram da Bahia para o Rio de Janeiro e constituíram a comunidade da Pequena África, berço indiscutível do samba carioca”¹⁹. Entre elas:

Tia Ciata (1854-1924), Tia Sadata (?-?); Tia Amélia do Aragão (?-?), mãe do violonista e compositor Donga; Tia Perciliana de Santo Amaro (?-?), mãe do músico João da Baiana; Tia Fé (c.1850-c.1930). Em meados do século XX, algumas “tias” destacaram-se como baianas nas escolas e, também, como responsáveis pelas tradições culinárias em cada uma das agremiações²⁰.

Como podemos observar, algumas das tias são mães daqueles que, vieram a ser grandes nomes da história do samba, sejam como músicos, compositores e/ou membros de ranchos e escolas. Essa coletividade se dá até mesmo no conceito do termo “rancho”, como afirma Lopes & Simas, que consideram que “o termo rancho tem, no caso, o significado de “grupo de pessoas” reunidas pra determinado fim, especialmente em marcha ou jornada”²¹. De acordo com Sodré “é através dos ranchos – que se constituíam e se ensaiavam naquelas casas – o samba experimentava o seu contato com a sociedade global”²². Dos quintais às ruas, o samba ia se infiltrando na cidade ganhando novas proporções de festa, em configuração à outras celebrações como os *cucumbis*, reisados e cordões.

¹⁷ LOPES, op. cit., 2003, p. 35.

¹⁸ Ibidem, p.32.

¹⁹ LOPES, Nei; SIMAS, Luis Antônio. **Dicionário da história social do samba**. 8 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021, p.290.

²⁰ Ibidem, p. 290.

²¹ Ibidem, p.236.

²² SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p.35.

A festa do samba é inerente às comunidades cariocas, mas, nas andanças pela cidade percebemos que, pra além da festa como um complexo cultural de comemoração/confraternização, pode-se perceber que signos nos possibilitam ler a presença do samba nas ruas. O professor Doutor Lucio Sanfilippo em sua Dissertação define estes signos no conceito de transbordamentos:

Na minha cabeça, a ideia de transbordamento é aquela que encerra algo que não consegue mais ser contido. São as águas que precisam encontrar outros espaços por onde caminhar. É o entranhar dessas águas por outros lugares e tempos, possibilitando, com essa irrigação, a sementeira de outras – novas – germinações culturais²³.

O transbordamento pode ser entendido, também, como autoconhecimento ou valorização da identidade cultural. Para melhor compreensão, entende-se que, quando um grupo de detentores reivindica por uma ferramenta jurídica a salvaguarda dos seus elementos culturais, à uma instituição competente como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, materializa um comportamento de proteção e manutenção de uma história construída na coletividade. Neste sentido, podemos considerar tal movimento como atemporal, que atravessa gerações, e que simbolicamente “transborda” no futuro, com a garantia da subsistência das tradições.

Dentro da perspectiva do patrimônio cultural, faz-se necessário compreender sobre o objeto de pesquisa, sua trajetória dentro do recorte geográfico, primeiramente reconhecendo as festas como patrimônio demanda previamente conhecer o que é o patrimônio, e além disso compreender o que Marcel Mauss chama de “fato social total”²⁴, o que faz transcender às áreas sociais e regionais, ultrapassando as fronteiras geográficas. Roque Larraia complementa:

A posição moderna antropológica é que, a cultura age seletivamente, e não casualmente, sobre seu meio ambiente, explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura²⁵

²³ SANFILIPPO, Lucio Bernard. **Aguéré**: caminhos de transbordamento na afro-diáspora. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/10687>. Acesso em 13 julho 2022. p.15

²⁴ [...] tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até as da proto-história. Nestes fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, ao mesmo tempo e de uma vez só, toda espécie de instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas – supondo formas particulares de produção de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam estas instituições. (MAUSS, 1974 *apud* SETTON, 2009, p. 296)

²⁵ LARAIA. Op. cit., 2001, p.25.

Podemos perceber que há uma grande relação e participação do espaço delimitado pelas fronteiras imaginárias, que dizem de onde são, pertencem e como são, logo entender o patrimônio imaterial exige compreender as diferentes camadas e grupos da sociedade, suas relações e administração do patrimônio, portanto, é dotado de forte viés antropológico²⁶. O lugar de enunciação é formado por atores que compõem uma história e participam do desenvolvimento de um território dotado de memória afetiva reivindicada por gerações antecedentes e atuais.

O samba é feito de musicalização do cotidiano, de festejar este mesmo cotidiano de suor, luta, dor, ausências, distâncias e tudo mais que faz com que os sujeitos destes cenários, transformem a leitura da subsistência da periferia em poesia cantada e batucada, onde nasce a festa. A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, atua como a base dos princípios que norteiam a salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro, como afirma Castro:

Da Constituição atual, embora não se referindo ao tema com as mesmas locuções, infere-se esse mesmo dever na medida em que impõe ao Estado o encargo de garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais, bem como de proteger o patrimônio cultural.²⁷

A partir daí a dinâmica de patrimonialização dos bens seguem uma linha de etapas que estão ligadas à categoria do patrimônio, tangível ou intangível, termos atribuídos pela UNESCO, delegando responsabilidades às instituições, seus Estados e Municípios.

No campo do patrimônio a “cultura da memória” se materializou, inicialmente, na valorização da Memória Nacional, objetificada em monumentos e edificações (e objetos), e fortalecida pela celebração de datas e cultos a personagens, representativos da construção de um passado do qual a Nação deveria se orgulhar²⁸. A exacerbação do nacionalismo e a emergência e difusão do conceito antropológico de cultura levaram a comunidade internacional a refletir sobre as culturas tradicionais e propor ações. A “Recomendação sobre salvaguarda da cultura tradicional e popular” da UNESCO, como resultado de uma Conferência em 1989, conclama os Estados-membros a adotar medidas de proteção para as culturas populares. As Convenções de 2003 e 2005 vão expandir considerações e conceitos, e reforçar a necessidade de valorizar e salvaguardar a diversidade cultural, através da adoção de políticas públicas nesse sentido. O recorte da patrimonialização é apresentado aqui a partir do samba que passou pelo

²⁶ CASTRO, Maria Laura V. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008, p.12

²⁷ *Ibidem*, p.29.

²⁸ ABREU, Regina. Patrimônio Cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. *In*: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane. (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural** - Diálogos Contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 268-269.

processo de registro findando como patrimônio imaterial, analisando suas matrizes, o samba-enredo, o samba de terreiro e o partido-alto. O samba como uma festa, um complexo cultural, dinâmico e transbordante, levado pelos grupos e adaptado aos diferentes espaços passa e segue transformando a si e aos seus detentores, na medida em que o meio impõe tensões:

O samba moldado no ambiente urbano do Rio de Janeiro sofreu, com o passar do tempo, modificações estruturais que se processam até hoje. Ao contrário do samba rural - em que -, às vezes, as variações de denominação, como já dissemos, são pura questão geográfica -, aqui interferências de toda ordem criaram novas formas, umas eternas, outras episódicas, mas todas transformando efetivamente a velha matriz, muitas vezes até contribuindo para tornar quase imperceptíveis as raízes africanas do gênero²⁹.

Poderíamos atribuir a esta definição, na qual facilmente identificamos elementos visíveis e tangíveis que representam a identidade deste patrimônio, a dinâmica que molda o samba e suas matrizes. Mas, é preciso pensar de forma a desconstruir o óbvio quando tratamos de um patrimônio dinâmico como o imaterial, no sentido de analisarmos o valores atribuídos pelos detentores, e não apenas, sua representatividade em números e cores, dando ênfase aos lugares de sua enunciação.

Considerações finais

A patrimonialização como processo e ferramenta da salvaguarda dos saberes tradicionais encontra-se na relação entre Estado e detentores, observando de onde parte o pedido de registro do patrimônio imaterial. A busca pela trajetória de uma manifestação cultural demanda investigar os caminhos e descaminhos que a levaram ao que conhecemos hoje, mas para além, de sua trajetória a importância de sua configuração atual torna-se mais relevante que qualquer indagação quando reconhecemos os diversos lugares destes caminhos percorridos, atribuindo valor ao significado dado por quem a conduz e a mantém viva. Assim, escrever uma narrativa que configura estes diferentes lugares, é como se construíssemos uma analogia ao cortejo de um rancho, bloco ou escola de samba do início, ponto de partida, à festa durante todo percurso, passando por ruas, avenidas, casas e terreiros. Essa pluralidade dos lugares deixa nos grupos que passam, seja uma ou várias vezes, a sua contribuição para a configuração de uma identidade, que não se encontra pronta e cristalizada, mas sempre se construindo e se ressignificando.

²⁹ LOPES, op. cit. 2003, p.16

As políticas públicas, apurando desde a Constituição Federal de 1988, que atribuiu compromissos nos artigos 215 e 216, às instituições responsáveis pela salvaguarda, constituindo um marco na ampliação do campo do patrimônio cultural, até então concebido como patrimônio histórico e artístico e estruturado como uma política de proteção a bens e imóveis valorados por arquitetos e historiadores da arte, afirma Vaz³⁰. Sendo assim, presumimos que a intangibilidade está relacionada à memória. A memória encontra-se no presente e quando lembradas já se projetam como história. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”³¹. Portanto os detentores, portadores dos saberes, são memórias vivas as quais selecionam dentro dos diversos grupos as tradições que melhor os representam formando, pelo convívio e tradição oral, novos enunciadores às gerações futuras destas tradições selecionadas. Respeitar esse lugar de fala, não é apenas, vestir a ética para autenticidade de uma narrativa, mas acima de tudo, às eventualidades que estão atreladas aos atores/colaboradores, que envolvem as delicadas dinâmicas do cotidiano e relações sociais

O pensamento político no samba pode ser apreciado em diversas letras, sambas e enredos. Vide a transformação dos sambas enredos do carnaval carioca que, cada vez mais, vem traduzindo o que a história não desmistifica, contanto sempre numa perspectiva do branco salvador e que estamos num lugar de dependência e submissão. Mas, as aulas e trocas regidas pelos batuques das ruas têm nos dado o recado. Ainda que não tenhamos samba na escola, faz-se a rua e as quadras de sala de aula. Ainda que a história nos conte que foi de Isabel que veio a liberdade, nos libertamos diariamente com nossas próprias lutas. Ainda que a noite seja fria, chuvosa e de chumbos, as manhãs de carnaval trazem a certeza de que a festa espanta as mazelas, e lá somos reis e rainhas.

Referências bibliográficas

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. O conceito de fronteira na semiótica de Iúri Lotman. **Bakhtiniana**, São Paulo, 12 (1): 5-20, Jan./Abril. 2017

ABREU, Regina. Patrimônio Cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane. (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural - Diálogos Contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2007, v.1, p.263-287.

³⁰ VAZ, Beatriz Accioly. **Quilombos e patrimônio cultural**: reflexões sobre direitos e práticas no campo do patrimônio/ Beatriz Accioly Vaz – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014; p. 29. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/471>. Acesso: 09 Dez 2022.

³¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC, 1993, p.9.

- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CASTRO, Maria Laura V. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996.
- LARAIA, Roque de Barros. **1932 - Um conceito antropológico/Roque de Barros Laraia**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luis Antônio. **Dicionário da história social do samba**. 8 edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- LOPES, Nei. **Sambeabá: O samba que não se aprende na escola**. Ilustrações de Cássio Loredano. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Folha Seca, 2003.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. Tradução: Yara Aun Houry. São Paulo: PUC, Dez, 1993.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas / João do Rio; organização Raul Antelo**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SANFILIPPO, Lucio Bernard. **Agueré: caminhos de transbordamento na afro-diáspora**. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/10687>. Acesso em 13/07/2022.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SETTON, Maria da Graça J. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 41 maio/ago. 2009.
- SILVA, Marília T. B.; OLIVEIRA FILHO, A. L. **Silas de Oliveira: do jongo ao samba-enredo**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1981.
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- THOMPSON, Edward P. “Folclore, antropologia e história social”. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- VAZ, Beatriz Accioly. **Quilombos e patrimônio cultural: reflexões sobre direitos e práticas no campo do patrimônio**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – IPHAN, Rio de Janeiro, 2014.